

“O CAVALO É IGUAL AO HOMEM”: UMA ETNOGRAFIA DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E CAVALOS NA INVENÇÃO DA LIDA E DO MUNDO CAMPEIRO

Daniel Vaz Lima
dvlima.vaz@gmail.com
PPGAnt / UFPel
Mestrando
Flavia Maria Silva Rieth
rieth@yahoo.com.br
PPGAnt / UFPel
Docente

Este artigo consiste numa descrição etnográfica sobre a relação entre o *domador* e o cavalo na aprendizagem do trabalho da *doma* no pampa sul-rio-grandense. *Doma* é definida como um conjunto de técnicas que tem em vista a domesticação do cavalo para trabalhos relacionados às lidas campeiras. O processo de aprendizagem e ensino que se estabelece entre o *domador* e o cavalo marcam a invenção da cultura. (Wagner, 2010). O domador ensina o cavalo, ao passo que este, por sua vez, ensina o humano demandando que acione determinados conhecimentos para domesticá-lo. A experiência de estar no mundo agindo constrói uma “intenção consciente” (Ingold, 1983) em que as habilidades, tanto dos animais não humanos como dos humanos, incorporadas na prática do treinamento configura a aprendizagem, embora de maneiras distintas, de formas de saber/fazer.

Palavras-chave: Naturezas/culturas, Técnicas da doma, Humanos/não humanos.

INTRODUÇÃO

Este texto constitui uma reflexão etnográfica sobre a relação entre o *domador* e o cavalo na domesticação, ou seja, na aprendizagem do trabalho da *doma* no pampa sul-rio-grandense, relação que trata de inventar a própria técnica presente na *lida* e o mundo *campeiro*. (Sennett, 2013). As questões aqui apresentadas são desdobramentos da experiência como pesquisadores do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – lidas campeiras (1º Fase)²²², que objetivou documentar e reconhecer a pecuária extensiva (criação de bovinos, ovinos e eqüinos com fins econômicos) e as práticas e saberes a ela vinculadas, como referência na constituição da cultura pampiana, transformando-a em patrimônio cultural brasileiro (Rieth et al, 2013). A pesquisa do INRC-Lidas Campeiras fez uso da metodologia

²²² Esta primeira fase compreende os anos de 2010-2013. Equipe de pesquisadores do INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS: Flávia Maria Silva Rieth (Coordenadora), Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Pablo Dobke, Marta Bonow, Daniel Vaz Lima, Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem), Fernando Camargo (Consultor em História), Erika Collischonn (Consultora em Geografia).

constituída pelo Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), que propõe levantar dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações estabelecidas entre os humanos, animais, artefatos e a paisagem envolvidos na produção pecuária no pampa sul-rio-grandense, descrevendo os ofícios e modos de fazer que a compõem (Rieth et al, 2013). O INRC adotou a expressão “*lidas campeiras*” para designar o conjunto de ofícios e saberes que envolvem a pecuária que historicamente se desenvolveu no pampa sul-rio-grandense.

Neste trabalho desenvolvemos uma etnografia do saber/fazer do *domador* entendido como aquele que tem a habilidade (Ingold, 2010) de um conjunto de técnicas e saberes que tem em vista a domesticação do cavalo para trabalhos relacionados às *lidas campeiras*. É um trabalho constituído de diferentes momentos e os quais acionam a utilização de determinados artefatos, tendo como objetivo fazer com que o cavalo aprenda a estabelecer uma forma de comunicação com o humano e que o domador aprenda este ofício com o cavalo.

AS TÉCNICAS DA DOMESTICAÇÃO DE CAVALOS NO PAMPA SUL-RIO-GRANDENSE: DESCRIÇÃO DA DOMA EM UMA HOSPEDARIA NA CIDADE

A experiência etnográfica constituída a partir da vivência com os domadores nos fez pensar sobre os saberes/fazeres associados às *lidas campeiras*, considerando a agencia dos sujeitos, dos animais, artefatos e paisagem na invenção do modo de viver. Sennett (2013) chama “habilidade artesanal” a aptidão de alto grau em que a expansão dessa capacitação é construída por meio da relação entre a solução de problemas e a detecção dos mesmos. A técnica é uma atividade artesanal em que “as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem.” (Sennett, 2013:30). Nesse sentido, ao conceber a domesticação dos cavalos consideramos o termo técnica como o “cultivo de um estilo específico de vida”, não sendo um procedimento maquinal, mas uma “questão cultural” (Sennett, 2013:19). O domador se engaja de uma forma prática sendo sua atividade uma arte, ou seja, um trabalho voltado para a busca da qualidade. Além disso, a aptidão de domar é adquirida observando regras estabelecidas por gerações anteriores e por meio da interação com o animal. Segundo Ingold (2010) a “educação da atenção” é o conhecimento que não se dá pela entrega de um “corpo de informações desincorporada”, que

o autor concebe como “representações”, mas pela criação, por meio das atividades de determinada geração, de “contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação.”

Por conseguinte, ao etnografar a técnica, chama à atenção a dimensão não humana que, ao se colocar em relação com os humanos, participam da construção de tal saber/fazer. Ingold (1983) entende que não somos os únicos dotados de subjetividade. Partindo da noção de Marx, em que a existência corporal constitui a condição de seu propósito consciente e intencionalidade em agir humano, estende essa noção aos animais. A experiência de estar no mundo agindo constrói um “intenção consciente” sendo as habilidades, tanto dos animais não humanos como dos humanos, incorporadas na prática do treinamento configurando a aprendizagem, embora de maneiras distintas, de formas de saber/fazer.

As técnicas de doma se classificam de acordo com a graduação da violência utilizada para a domesticação do cavalo: A *doma tradicional* ou *gaúcha* em que são utilizadas técnicas de reforço e acionando artefatos que machucam o cavalo, se define em comparação as técnicas de doma ditas “*racionais*” (como “*doma racional*”, “*doma índia*”) que, sem machucar o animal, estabelecem uma relação de confiança entre o *domador* e o cavalo (Rieth et al, 2013). Estas técnicas não são percebidas como dicotômicas considerando que é na relação estabelecida entre pessoas, animais e artefatos que determinado saber/fazer vai ser acionado. A diferença entre as domas está na “*maneira de lidar*” com o cavalo, e os artefatos dependem da técnica embora não haja um artefato para determinado tipo de doma, mas para cada relação estabelecida.

A doma praticada no pampa sul-rio-grandense passou por transformações/atualizações no sentido de que a técnica entendida como um conjunto de habilidades constituídas e incorporadas no *modus operandi* dos organismos humanos e animais (Ingold 2010; 1983) foi se adaptando de acordo com a conformação sociocultural, ambiental e econômica da pecuária extensiva. A doma era praticada dentro das estâncias²²³, porém, como se referiu Howes Neto (2006: 51), hoje, raramente se faz nestas propriedades. Com a especialização das técnicas a atividade se transferiu para ambientes urbanos transformando a

²²³ Propriedades rurais voltadas para criação, com fins econômicos, de animais bovinos, ovinos e eqüinos.

relação entre o *domador*, o cavalo e o ambiente de trabalho. Exemplo disso é a doma para competição em eventos (como as provas de freio-de-ouro²²⁴) praticadas nas cabanhas ou hospedarias que são espaços de “hospedagem e centros de treinamento e doma para cavalos”. Dentro de uma área de aproximadamente dois hectares, essas hospedarias constituem-se, de maneira geral, de uma “*mangueira*” - área cercada por tábuas e tendo em torno de 20X20m² e coberta de areia - para os cavalos “*retoçarem*”, ou seja, para que estes possam correr e se movimentar para relaxarem do estresse por ficarem presos. A hospedaria, edificação feita de madeira ou concreto, coberta de telhas e dividida no seu interior por baias ou cocheiras que são pequenos espaços fechados em que os cavalos descansam e ganham ração. Dentro de cada baia ou cocheira têm-se os *cochos* recipientes utilizados para dar ração para os cavalos. A superfície da cocheira é forrada com casca de arroz chamada de “*cama*”.

Anexado à hospedaria encontra-se um espaço de sociabilidade dos domadores, também chamado de *galpão*, em que tem-se uma lareira com fogo aceso, algumas cadeiras, uma cuia de chimarrão e, pendurados na parede, alguns quadros com os cavalos da *cabanha* que ganharam prêmios nas provas que se relacionam as lidas campeiras. Os utensílios de montaria como freios, rebenques ficam pendurados nas paredes das baias e os outros utensílios que são maiores como as selas ficam em cima de *cavaletes* no corredor. Esses utensílios entendidos em conjuntos como *encilhas* são, em parte, da cabanha e de alguns dos proprietários dos cavalo que vez por outra, vem pegar seus cavalos para “*sair pela cidade*”.

Os trabalhos da doma que se iniciavam na primavera se estendendo até o verão e início de outono, com as competições de cavalos promovidas principalmente pela ABCCC²²⁵ passaram a ser praticados também no inverno. Conforme os interlocutores, durante o inverno “*tem umas categorias nas exposições em que eles [os cavalos] entram encilhados*. Até dois anos e seis meses eles entram a *cabresto* e de dois anos para cima eles entram *encilhados* e assim, se faz necessário domar no inverno. Por conseguinte, a técnica de “*amanunciar o potro*” que significa domesticar o animal acostumando-o com os humanos e com os artefatos

²²⁴ A prova de freio de ouro é organizada pela ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo), entidade criada em 1931 por estancieiros do Rio Grande do Sul com o objetivo de padronizar a raça do cavalo crioulo. As provas de 21 dias e freio de ouro são maneiras de incentivar a difusão da raça. (ABCCC, 2014).

²²⁵ Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos.

utilizados para a montaria e trabalho não tem época. Esse trabalho, muitas vezes é feito desde quando o *potro* (cavalo ainda não domado) está sendo desmamado pela égua, com seis meses de idade. *Amanunciar* ou *amansar de baixo* significa uma aproximação dos animais com os humanos e artefatos de montaria facilitando o trabalho da doma. As técnicas da doma ditas “*racionais*” exploram este momento em que o domador busca uma aproximação com o cavalo, visando estabelecer uma relação de confiança em que utiliza a linguagem corporal para se comunicar com este. Esta confiança não pode ser quebrada ao longo do processo e por isso o não uso da violência, porém, se necessário o castigo, tem de estar de acordo com a “*natureza do cavalo*”. Depois a doma fica a critério do domador que, considerando o temperamento do cavalo, aciona a técnica do freio ou do bridão. Usam-se as técnicas da doma racional, no que se refere à questão de aproximação e cuidado com o cavalo o que chamam de “*trabalhar a mansidão*”.

Após a preparação do cavalo vem à etapa denominada “*puxar o queixo*”, considerado entre os principais momentos do processo de domesticação do cavalo pelo humano. Esta etapa da “*iniciação do cavalo*” é considerada relevante para os domadores, pois é o momento em que este vai conhecer o artefato chamado *bocal* que é uma tira de couro, que se ata ao queixo dos potros. Esse artefato estabelece uma primeira comunicação do cavalo com o domador no processo de domesticação que vai estar terminado no momento em outro artefato chamado *freio*, e o qual descreverei depois, passa a ser acionado.

Em trabalho de campo acompanhou-se a etapa inicial da domesticação numa hospedaria e centro de doma para cavalos no município de Pelotas/RS. O domador iria “*puxar*” uma égua de dez anos que fora mal iniciada tornando-se “*redomona*” que não se deixa montar. Para o domador o cavalo “*mexido*” é ruim de trabalhar:

(...) *nós não pegamos bicho mexido, mas como essa égua é de um amigo de um amigo nosso, a gente vai tentar para ver que tal é. Eu conheço o homem velho que era dono dela, que é um velho campeiro. Isso é a referencia do porque estamos pegando ela, bicho mexido a gente não pega.*

Para ele o cavalo *redomão* é difícil de domar, pois ele já trás em si a experiência dos artefatos, a relação com o humano e tudo isso influencia na forma como o animal percebe sua

existência. O domador decidiu *começar do zero* na sua domesticação (re)“iniciando-a”, produzindo uma nova relação. A égua era bastante agitada, pois não teve muitos contatos com os humanos depois de algum tempo. Percebeu-se que este “*amanunciou*” a égua alguns dias antes de iniciar tal processo, por isso a técnica era ativada com determinados artefatos e saberes/fazer.

Observou-se a iniciação desta égua, com o nome de “*preta*”, com o artefato *bocal*: O filho do domador levou a égua até um *palanque* - que é um tronco de madeira com 3,5m de altura em que 1,5m ficam enterrados no chão - localizado dentro da *mangueira* da cabanha. Neste local ela foi “*maneada*”, ou seja, presa nas patas dianteiras e traseiras por uma corda de couro ou náilon chamado “*maneia*”. O domador, calmamente, chamando-a pelo nome colocou as *maneias*, no entanto, em alguns momentos a égua tentou sair puxando a cabeça na qual estava o “*cabresto*²²⁶” preso ao palanque. Feito isso, ligam-se as *maneias* das patas e das mãos através de uma corda de couro que cruza a argola de cada *maneia* diversas vezes. Quando a corda é puxada as juntam-se as *maneias*, derrubando o animal e impossibilitando-o de ficar de pé. Depois de colocada as *maneias*, o *bocal* é amarrado no queixo do cavalo. “*A gente sempre usa bem apertado [o bocal] quando puxa, não pode ser frouxo, pois machuca. Só bota mais frouxo quando eles estão mais mansos.*” No *bocal* estão anexadas as *rédeas* as quais vão cruzar atrás do lombo do cavalo. Os domadores irão puxar as *rédeas* direcionando o queixo na direção do peito dando um “*tirão*” único até este “*patear*” (agitar as patas) que significa dizer que está demonstrando que está doendo, que o animal “*sentiu*”. São três “*tirões*” ou “*puxões*” de cada lado, ou seja, depois de dado os *tirões*, vira – se o cavalo e *puxa-se* mais três.

O objetivo da técnica de “*puxar o queixo*” é deixá-lo “*sensível de boca*” e assim quando, na próxima etapa que é o ato de montar, ele já possa atender as mensagens do domador. É uma iniciação com o objetivo de sensibilizar essa parte do corpo do animal o qual vai se estabelecer a principal comunicação no momento da montaria, e por isso tem que ter o cuidado para não “*puxar*” com intensidade muito forte e traumatizar o animal, o que impossibilitaria seguir no processo de doma. Conforme Gonçalves (2007: 27) os objetos

²²⁶ Artefato de couro que envolve a cabeça do cavalo.

atuam no mundo, não sendo somente percebidos, através do que representam para as coletividades, mas também no sentido de que organizam e constituem a vida social. Os artefatos têm agencia na construção do sujeito como domador e agencia no processo de domesticação do cavalo como pode se observar na descrição das técnicas da doma. Estes objetos constroem e são construídos nas relações com os humanos e animais.

Nesse processo o cavalo é domado somente de *bocal* sendo que após isso deverá ser domado de *freio* que é um aperfeiçoamento do processo de doma, considerando que este já tem familiaridade com os artefatos e certa comunicação com os humanos. Quando o cavalo esta sendo ensinado pelo *bocal*, os domadores neste momento começam a ensiná-lo as habilidades das lidas pastoris. É nesse momento também que o cavalo pode participar da chamada “*prova de 21 dias*”, uma etapa do Freio-de-Ouro, que consiste em preparar um cavalo em menos de 21 dias para apresentar-se no evento seguindo algumas regras e exigências da prova. Os cavalos que participam dessa prova são chamados “*redomões*”.

A terceira etapa consiste em montar no cavalo, também denominada como “*primeiro galope*”. O “*primeiro galope*” significa subir no animal, que está com os arreios, e trabalhar ele para que se acostume com os artefatos da montaria. Ao ser montado o cavalo muitas vezes começa a *corcovear*, a pular querendo expulsar o domador do seu lombo. O domador tem de ficar em cima mostrando-o para o animal que deve se acostumar com o fato. Nesse momento, quem monta é auxiliado pelo “*amadrinhador*”, outro domador ou aprendiz que o acompanha montado num outro cavalo.

No mesmo centro de doma, observou-se a técnica do “*primeiro galope*”. O aprendiz de domador enquanto aparava a cola (rabo) e as crinas do cavalo disse que o cavalo “*era de campo*” e “*xucro*” o que significa dizer que não foi criado em contato mais próximo com o humano diferente dos cavalos criados dentro de cocheiras, em uma hospedaria da cidade. O cavalo estava ali há dois meses e o filho do domador recém conseguira *amanunciar* ele de forma com que ficasse tranquilo com a presença dos humanos. Enquanto era encilhado o *potro* olhava “*assustado*” para os artefatos de montaria. O domador, nesse caso, deixava o *potro* cheirar o artefato antes de colocar no lombo do mesmo, técnica que, através da noção de que o cavalo conhece algo pelo cheiro, faz o animal conhecer tal artefato.

Em determinado momento o cavalo fugiu indo parar no fundo da propriedade, depois de buscá-lo, colocaram uma “*maneira*” para não fugir. O filho do domador levou o *potro* até o *corredor*, estrada em que *galopeiam* seus cavalos, para começar o processo. O domador apareceu depois montando uma égua com a qual iria *amadrinhar*. A “*égua madrinha*” tinha quatro anos de idade, sendo um animal experiente, que “*tem mais pratica*”. O aprendiz se mostrava bastante irritado com o potro ao ponto do pai lhe dizer por vezes: “*calma filho!*”. Feito isso, o domador pegou o potro pelo *cabresto*, artefato de couro que é prendido na cabeça do cavalo e ao qual está anexado um *laço* pelo qual o cavalo é manejado. Ao pegar o *potro*, o domador puxou e saiu rápido fazendo com que o potro andasse um momento antes de ser montado para reconhecer a presença dos *arreios*. Foi até o final do corredor e voltou para o domador/aprendiz montar.

Ao ser montado, o *potro* saiu correndo para frente enquanto o *amadrinhador* com sua égua madrinha, acompanhava-o fazendo com que esta tivesse o seu corpo sempre junto do corpo do *potro*. Após esta etapa o potro segue sendo trabalhado e treinado (nos primeiros dias ainda acompanhado do *amadrinhador*) todos os dias. A intensidade do trabalho é determinada conforme o animal vai aprendendo os ensinamentos do domador. O cavalo no qual o *amadrinhador* está montado é uma égua com experiência de montaria que estabelece uma comunicação com o *potro*, pois o *amadrinhador* faz esta encostar o pescoço no pescoço do potro. Em alguns casos, ata-se o cavalo xucro à *égua madrinha* por alguns dias antes de *puxar do queixo*, pois esta o ensina a se acostumar com os humanos e artefatos. Eles ficam “*acolherados*” como se referem os campeiros.

O processo de adestramento do cavalo é contínuo e demora alguns anos. Embora fique manso de bocal e montaria em alguns dias, nas entrevistas viu-se que para o processo ficar completo demora mais de um ano. Como por exemplo, o cavalo para correr a prova do Freio-de-Ouro, que é a etapa máxima da equitação gaúcha (Jacques, 2008), deverá no mínimo estar a três anos sendo trabalhado. Um cavalo fica “*bem domado*” em seis meses, ou seja, domesticado com os artefatos e a presença dos humanos, se o cavalo vai “*correr prova*”, ou seja, participar de competições eqüestres, ficará mais tempo no aprendizado, também o cavalo domado para o trabalho no pastoreio não fica totalmente “*pronto*”, ou seja, será na lida, na

prática do pastoreio, que este vai aprender tal habilidade. Os primeiros processos da doma feita nas hospedarias estabelecem uma domesticação do cavalo ensinando-o a “interagir” com o campeiro através dos artefatos, a aprendizagem para a lida se dá na prática.

Pode-se considerar o momento de “enfrenar” o cavalo como a etapa final do processo de adestramento. A domesticação do cavalo se completa quando este passa a atender o *freio*. O *freio* é uma embocadura de ferro, ou de metal, ou de madeira, ou de borracha que se constitui de uma barra sem articulações, que vai dentro da boca do cavalo, exercendo forte pressão. Os domadores dizem que “a ciência da doma” está no freio e o domador tem que saber o momento certo, de acordo com o aprendizado do cavalo, para ser *enfrenado*. No início bota-se o artefato sem montar no cavalo e o deixa na *mangueira*, “*mascando o freio*”, pode ser com a rédea ou sem a rédea. As *rédeas* são cruzadas por cima do pescoço e atadas por baixo na barriga do cavalo. Faz-se isso para ele ir “*mascando o freio*”, pra ele conhecer o *freio*, “*calejar*” a boca. Depois anda-se com ele ao seu lado com o artefato, “*sujeita*” (faz parar), “*puxa*” (direciona para a direita ou esquerda), sempre com cuidado pra não machucá-lo, para não ferir, pois ele já está sensível da boca.

Nas domas ditas “*racionais*” tem prevalência à utilização do artefato chamado *bridão* que é uma embocadura de ferro, ou de metal, ou de madeira, ou de borracha que se constitui de uma barra ligada por articulações, que vai dentro da boca. Por exercer uma pressão menos intensa na boca do cavalo, os domadores dessa técnica entendem que o *bridão* maltrata menos o animal. Por outro lado, ha necessidade de confiança entre ambos, pois o cavalo não esta sujeito pela boca e nesse sentido pode em algum momento não atender aos comando de quem o monta. Muitos domadores que utilizam o *bridão* dispensam a utilização do *bocal* considerando que não se necessita de uma domesticação mais intensa. Entretanto, nos relatos de domadores existem aqueles que utilizam os três artefatos no processo de doma nesta ordem: *Bocal*, *freio*, e *bridão*. Partem do principio que, conforme o cavalo vai conhecendo e acostumando com a pressão na boca, vai-se diminuindo a intensidade, pois o animal já está *sensível de boca*. Além disso, existem diversos tipos de *freios* e *bridões* que serão acionados conforme vai demandando o processo de domesticação do cavalo.

Os domadores, embora tenham preferência por uma técnica em detrimento da outra, utilizam técnicas dos dois tipos de doma – racional e tradicional - considerando que a característica do cavalo que vai determinar a utilização de determinado manejo da violência. Na relação estabelecida entre o domador e o cavalo que se aprende e constrói a técnica. Os praticantes se referem a doma como “*um livro*” em que para ensinar um cavalo é preciso aprender com ele. Cada *animal é único*, tem personalidade, e o domador tem que estudá-lo: “*Tu estuda ele e ele te dá as dicas*”. Muitos domadores, interlocutores deste trabalho, foram iniciados no ofício por meio de domadores mais velhos, no entanto eles percebem que também foram os cavalos que os ensinaram tanto no que se refere a técnica, quanto a vida. O processo de aprendizagem e ensino que se estabelece entre o domador e o cavalo marcam o processo de invenção da cultura (Wagner, 2010) em que o domador ensina o cavalo, ao passo que o cavalo ensina o humano, demandando que este acione determinados conhecimentos para domesticá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto propôs uma reflexão etnográfica sobre a relação entre o *domador* e o cavalo no pampa sul-rio-grandense, relação que trata de inventar a própria técnica que constitui o trabalho da *doma* e, o mundo *campeiro* (Sennett, 2013) . Percebeu-se que esse conjunto de técnicas se classificam de acordo com a graduação da violência utilizada para a domesticação do cavalo, no entanto, de acordo com os interlocutores, cada *domador* tem suas técnicas e preferências ao mesmo tempo em que a relação estabelecida com o cavalo vai condicionar a utilização de um determinado saber/fazer. Percebem que o “*cavalo é igual ao homem, tem temperamento*”, em que uns são “*velhacos*”, ou seja, rebeldes, outros são “*baldosos*”, caracterizados como animais traiçoeiros, e outros, ainda, são tidos como mansos. No processo da doma, alguns assimilam mais facilmente os ensinamentos que outros. Além disso, a *doma* é um processo contínuo em que precisa estar sempre praticando o cavalo, pois se parar este “*perde a doma*”, ou seja, esquece o que aprendeu. Na *doma* se estabelece uma relação entre humanos e não humanos em que o *domador* ensina o cavalo, e este, por sua vez, o ensina na habilidade técnica, fazendo-o experienciar maneiras de praticar tal saber/fazer. A

aprendizagem é um processo de incorporação de habilidades constituídas na experiência e na vivência do habitar o mundo campeiro no pampa sul-rio-grandense. (Ingold, 2010; 2012).

REFERENCIAS

ABCCC. Disponível em: <http://www.racacrioula.com.br/site/content/entidade/historia.php>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2014.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2007. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN.

HOWES NETO, Guilherme. 2009. De bota e bombacha: Um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo. Dissertação, UFSM, Santa Maria.

IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2013.

INGOLD, Tim. 1983. "The Architect and the Bee: Reflections on the Work of Animals and Men". *Man, New Series*, (18-1): 1-20.

INGOLD, Tim. 2010. "Da transmissão de representações à educação da atenção". *Educação*, (33-1): 6-25.

INGOLD, Tim. 2012. "Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais". *Horizontes antropológicos*, (18-37): 25-44.

JACQUES. Bayard Bretanha. 2008, Registros da eficiência da equitação gaúcha: Primeiros escritos. Jaguarão: Autor.

RIETH, Flávia ; KOSBY, M. F. ; Bilhalva da Silva, L. ; Rodrigues, M. B. ; Dobke, P. R. ; LIMA, D. V. 2013. Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (volume 1). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna.

SENNETT, Richard, 2013. O artífice. Rio de Janeiro: Record.

WAGNER, Roy. 2010. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify.